

**MAIMÔNIDES: OS ANJOS COMO INTELIGÊNCIAS SEPARADAS NO
GUIA DOS PERPLEXOS**

[MAIMONIDES: ANGELS AS SEPARATE INTELLIGENCES IN *THE GUIDE FOR THE PERPLEXED*]

Cecilia Cintra Cavaleiro de Macedo

ceciliacmcavaleiro@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-8321-6944>

Doutora em Ciências da Religião; Mestre em Filosofia. Professora do Departamento e Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP).

DOI: [10.25244/1984-5561.2025.7818](https://doi.org/10.25244/1984-5561.2025.7818)

Recebido em: 26 de fevereiro de 2026. Aprovado em: 30 de março de 2026

Caicó, ano 18, n. 1, 2025, p. 125-139

ISSN 1984-5561 - DOI: [10.25244/1984-5561.2025.7818](https://doi.org/10.25244/1984-5561.2025.7818)

Dossiê Filosofia Medieval Judaica e Islâmica



Resumo: Os anjos desempenham frequentemente diferentes papéis nos textos religiosos judaicos, não somente os canônicos como talvez principalmente nos textos apócrifos. Ora como mensageiros, ora como conselheiros, ora como ajudantes ou ainda como criaturas temíveis como os querubins que guardam a porta do Paraíso, sua presença é indispensável para que a vontade de Deus seja realizada. Tradicionalmente entendidos enquanto possuidores de algum tipo de matéria espiritual ou etérea, o encontro do judaísmo com a filosofia aristotélica no Medievo questionou essa compreensão do tema. Maimônides despoja os anjos de matéria equiparando-os com as Inteligências separadas propostas por Aristóteles. Mas além disso propõe que o mesmo termo pode ser utilizado com outros significados em determinadas passagens escriturísticas. Neste artigo pretendemos analisar o tratamento conferido pelo filósofo à questão dos anjos.

Palavras-chave: Anjos. Inteligências separadas. Maimônides. Homonímia

Abstract: Angels often play different roles in Jewish religious texts, not only in the canonical ones but perhaps especially in the apocryphal texts. Sometimes as messengers, sometimes as counselors, sometimes as helpers, or even as fearsome creatures like the cherubim guarding the entrance to the Garden of Eden, their presence is indispensable for God's will to be done. Traditionally understood as possessing some kind of spiritual or ethereal matter, the encounter between Judaism and Aristotelian philosophy during the Middle Ages challenged this understanding of the subject. Maimonides denies the materiality of angels, equating them with the separate Intelligences proposed by Aristotle. However, despite this, he proposes that the same term can be used with other meanings in certain scriptural passages. In this article, we intend to analyze the philosopher's treatment of the question of angels.

Keywords: Angels. Separate Intelligences. Maimonides. Homonymy

*“Tu sabes muito bem quão difícil é para o homem formar uma noção de algo imaterial e inteiramente desprovido de corporeidade, a não ser após um treinamento considerável: é especialmente difícil para aqueles que não distinguem entre os objetos do intelecto e os objetos da imaginação e dependem principalmente da potência imaginativa. (...) Pessoas deste tipo – e a maioria dos especulativos pertence a ele – não conseguem alcançar a solução de qualquer questão ou ao esclarecimento de qualquer coisa duvidosa” (MAIMONIDES, *Guia*, I, 49)*

INTRODUÇÃO

A História da Filosofia Medieval foi caracterizada por uma série de tentativas mais ou menos bem sucedidas de compatibilização entre a especulação filosófica racional de origem grega e o conteúdo revelado das Escrituras, e esse processo ocorreu nas três vertentes do monoteísmo abrahâmico: Judaísmo, Cristianismo e Islam. No processo de busca pela verdade, duas alternativas se apresentavam: ou a Religião e, conseqüentemente, o conteúdo da revelação tal como aparece nas Escrituras, era aceita como única fonte fidedigna, dispensando assim os esforços especulativos puramente humanos; ou, considerava-se a especulação racional como um caminho válido. Nessa segunda opção apresentava-se imediatamente a necessidade de compatibilizar duas tradições muito diferentes entre si: a religiosa monoteísta e a filosófica. Para que houvesse algum tipo de concordância entre estas, esta verdade única que se encerrava nelas deveria ser algo para além da literalidade das teorias, e ambas as abordagens deveriam estar aludindo necessariamente a conteúdos semelhantes através de linguagens diferentes. Muitos pensadores medievais acreditavam tratar-se, portanto, de uma única verdade, muitas vezes atingida em maior grau pela Revelação e em menor grau pela especulação racional, mas ainda a mesma, expressa de modos diferentes e em diferentes linguagens pela filosofia e pela religião. Para estes pensadores, alguns pontos – especialmente aqueles obscuros por si mesmos nos textos bíblicos – consistiram em matérias de difícil explicação. Dentre estes pontos, a busca por equivalentes filosóficos para os anjos apresentou-se como uma questão relevante.

A discussão mais conhecida a respeito da questão da materialidade ou não dos anjos é precisamente a constante da obra de S. Tomás de Aquino. Trabalhada tanto na *Suma de Teologia* (TOMÁS DE AQUINO, ST I, q. 50 – 52) quanto na sua questão disputada sobre as criaturas espirituais¹, Tomás apresenta as teorias concorrentes e seus principais argumentos, visando estabelecer uma posição definitiva sobre a questão.

Mas, antes dessa discussão tomar fôlego no Cristianismo, acirrando as controvérsias entre os Dominicanos e Franciscanos, ela surgiu no seio do pensamento judaico. Neste, as posições antagônicas defendidas pelos seus mais importantes filósofos já dividiam as opiniões.

¹ Já no artigo primeiro aborda a questão de se alguma substância espiritual se compõe de matéria ou de forma (Tomás de Aquino, 1995, p.1-19).

1 OS ANJOS NO ANTIGO TESTAMENTO

Figurando no início do texto bíblico (notadamente na Torah ou Pentateuco) como meros mensageiros de Deus, os anjos vão ganhando destaque e personalidade na medida em que o texto se completa. Há autores que defendem que a aparição destas figuras no Antigo Testamento são vestígios de um suposto politeísmo primitivo: com o intuito de tornar o monoteísmo mais aceitável, os antigos deuses do politeísmo ter-se-iam transformado em criaturas celestes subordinadas a um Deus único, maior, soberano e governante. Mas o fato é que, de qualquer modo, os anjos são seres intermediários que não aparecem somente no judaísmo, mas estão presentes em diversas religiões. Há que considerar também as fortes influências que o judaísmo sofreu por parte de outros povos, principalmente do pensamento persa e babilônico².

É fácil notar que nos primeiros livros do Antigo Testamento não há mais do que breves e genéricas alusões. Os anjos aqui não são individualizados, nomeados nem hierarquizados. No próprio Gênesis já vemos alusões a estes seres. Além do fato de que na primeira frase o termo utilizado para aquele que criou seja Elohim (אֱלֹהִים), que é um termo plural, demandando justificativas na exegese da passagem, há a controversa passagem da criação da humanidade, na qual Deus diz “*Façamos* o homem à nossa imagem e semelhança”, o que sugere que havia já algum tipo de ser ao lado de Deus antes da Criação ter-se completado. Como se acredita que os anjos seriam seres, de alguma forma, superiores aos homens, uma vez que estão mais próximos de Deus, há a interpretação de que eles estariam ao lado de Deus quando da criação do Homem. A referência mais clara aos anjos é a questão dos querubins posicionados na porta do paraíso quando da queda. Nesta passagem, os anjos, mais uma vez, aparecem como intermediários anônimos e não propriamente qualificados e, desta vez, após a queda, guardiões para que o homem não possa mais retornar ao seu estado inicial. Outra questão interessante que despertou discussões e exegeses concorrentes e contraditórias, foi a questão dos *filhos de Deus* que teriam se unido às *filhas dos homens*, o que gerou a interpretação da queda dos anjos relatada especialmente no apócrifo de Enoch e também foi um argumento forte para a materialidade dos anjos.

No texto das Escrituras, os anjos são descritos, em geral, como seres de grande beleza, não sujeitos às limitações do tempo e do espaço, que podem tomar a aparência de homens, mas nem sempre adotam a forma humana, como, por exemplo, em Ex. 3:2, em que o anjo de YHVH aparece em forma de fogo sobre uma sarça. Figuram como intermediários executores da vontade de YHVH, que, algumas vezes têm como missão amparar e guiar os homens piedosos ou mesmo auxiliar os governantes de Israel.

Nas diversas ocasiões nas quais aparecem sob a forma humana, os anjos só se distinguem enquanto tais quando assim eles mesmos se declaram. São criaturas anônimas, encarregadas de determinadas missões, e, assim que as cumprem, desaparecem. Quanto aos nomes, há diversas ocasiões nas Escrituras que os anjos se recusam a revelar seus nomes, por exemplo, em Gênesis 32:30: “Jacó lhe perguntou: Diga-me o seu nome. Mas ele respondeu: Por que você quer saber o meu nome? E aí mesmo o abençoou”.

Posteriormente, no texto bíblico, as alusões a estas criaturas irão se multiplicando e de desenvolvendo, mas, apesar deste desenvolvimento da questão encontrado nos textos mais tardios, não temos no antigo Testamento referência à natureza exata destes seres angelicais. São, na maior

² Como exemplo, podemos citar Asmodeu /Ashmedai– que é apontado nas Escrituras (Livro de Tobias 3:8,17) como sendo um demônio que atrapalha os casamentos, parece ser uma adaptação de Aesma Deva, um dos sete maus espíritos descrito no Avesta.

parte das vezes, simplesmente descritos através das funções que desempenham. A principal característica destes seres seria louvar a Deus e é a partir da relação com Deus que iniciam suas relações com os homens. Revelam-se aos olhos humanos nas mais distintas formas, o que conduz à ideia de que nenhuma daquelas formas lhes seja própria.

O desenvolvimento da temática dos anjos ocorre nos livros dos Profetas, onde os anjos e criaturas espirituais aparecem diversas vezes, chegando a alcançar uma extrema variedade, que irá ser nomeada e hierarquizada na literatura rabínica e mística posterior: “Mas é principalmente com o contato estreito com a Babilônia e seu sistema de espíritos superiores e inferiores que o influxo de novos elementos para a Angeologia judaica pode ser rastreado; e isso é confirmado pela tradição rabínica, que afirma que “os nomes dos anjos foram trazidos pelos judeus da Babilônia” (Yer. R. H. i. 2, Gen. R. xlviii., *apud*. BLAU; KOHLER, 1906, p. 584).

Vale acrescentar que, apesar de no Talmud a questão apareça, “os *‘elyôním*, ou anjos, não são imaginados como intermediários de Deus com o mundo e o homem (...) segundo a doutrina talmúdica, a imanência divina não tinha necessidade de colocar seres mediadores” (GONZALO RUBIO, 1977, p. 37). E isso parece ser devido, fundamentalmente, à tentativa dos compiladores da Mishnah de conferir um sentido racionalista à discussão religiosa judaica, o que implicou no banimento das referências à *Merkabah* e, conseqüentemente à angeologia (Cf. SCHOLEM, 1995, p. 43).

A partir do livro de Daniel os anjos passarão a ter maior importância e os nomes aparecerão no texto, ainda que somente dois: Gabriel (Força de Deus) e Mikael³ (quem como Deus): (Daniel 8:16 e 10:21). Daniel faz também a primeira classificação dos anjos. Em Dn 10-13 fala-se dos chefes, do grande príncipe, e de todos os outros príncipes que são os anjos tutelares das nações. Em Tobias⁴ temos a menção a Rafael⁵ (Cura/Remédio de Deus) e também encontramos a menção aos sete anjos mais próximos de Deus. Os demais anjos não são nomeados nas escrituras, e aquele que ficou conhecido como o quarto anjo cardeal, Uriel (Luz de Deus), e que é altamente reverenciado tanto pelo judaísmo quanto pelo cristianismo, será mencionado somente nos textos apócrifos de Enoch e no Apocalipse de Esdras. Ao longo dos textos posteriores, todas as manifestações da natureza e da vida são permeadas e representadas por anjos. Também na literatura apócrifa e pseudoepigráfica judaica, abundam as alusões aos anjos, onde adquirem nomes e categorias hierárquicas. Já no Livro de Enoch são mencionados 17 anjos, entre eles, o príncipe do raio, o príncipe do vento, o príncipe da noite etc., e cada um deles representa, por sua vez, um coletivo ou legião.

Se, por um lado, podemos considerar o texto canônico de Daniel como representativo da literatura apocalíptica, os textos mais importantes dos quais podemos obter informações sobre o tema são os apócrifos: O próprio Livro de Enoch, já citado, que descreve a questão da queda dos anjos⁶; O Testamento dos Doze Patriarcas, que conta as visões dos patriarcas de Israel e suas experiências com os anjos; e o Apocalipse de Esdras⁷, no qual aparece o anjo Uriel que mantém um longo diálogo com Esdras.

³ “Vou contar-lhe o que está escrito no livro da verdade. Ninguém me dá força na luta contra eles a não ser Miguel, o príncipe de vocês”

⁴ “Tobias saiu para procurar uma pessoa que pudesse ir com ele até a Média e conhecesse o caminho. Logo que saiu encontrou o anjo Rafael bem à frente dele, mas não sabia que era um anjo de Deus” (Tb. 5-4).

⁵ “Eu sou Rafael, um dos sete santos anjos que assistem e têm acesso à majestade do Senhor”. (Tb. 12,15)

⁶ Será na literatura apocalíptica (II a.C. – II d.C.) que esta distinção se fará mais clara, dando origem à crença na existência de anjos bons e anjos maus, e na ideia de que os anjos maus seriam os causadores ou ao menos, fomentadores, do mal no mundo.

⁷ Este texto figura entre os canônicos da Bíblia ortodoxa. É apócrifo para judeus, católicos e protestantes.

2 OS ANJOS E A MATÉRIA NA FILOSOFIA JUDAICA

Tanto no Judaísmo antigo como no Paleocristianismo a questão da materialidade ou não dos anjos não chegou a despertar grandes controvérsias diretas, ainda que, desde sempre, houvesse quem apoiasse uma e outra das posições. Como a espiritualidade das criaturas angélicas fosse ponto concordante, as discordâncias frente ao fato de aqueles possuírem ou não algum tipo de matéria, ainda que diferente da matéria corpórea tal como temos, foram legadas a segundo plano. Muitos autores defendiam a presença da matéria e, em certas tradições, chegou a ser mesmo tacitamente aceito que os anjos dispunham de algum tipo de matéria, ainda que esta fosse mais sutil que a matéria corpórea, uma vez que, caso não dispusessem daquela, não poderiam se revelar aos homens. Com a influência filosófica helenística nos pensadores de ambas as religiões, de algum modo, essa posição foi considerada mesmo a mais correta por muitos dos primeiros filósofos medievais, em virtude de sua orientação neoplatônica, uma vez que supunham, na esteira deste pensamento, a possibilidade de existência de uma matéria espiritual, mais sutil que a matéria corpórea.

A literatura judaico helenística é especialmente influenciada pelo platonismo. É nela que iremos ver a primeira aproximação dos anjos com entidades filosóficas. O pensamento judaico-helenístico é representado principalmente por Filon de Alexandria. Ao mesmo tempo em que este define os anjos tal como aparecem na literatura bíblica, como: “o exército de Deus, almas bem-aventuradas e incorpóreas”, ele se aproxima da filosofia, afirmando que são “almas puras que habitam o éter”.

Em *Sobre a Plantação de Noé*, falando das coisas criadas, diz que na parte superior, junto ao mesmo éter, encontram-se as almas mais puras, as que os filósofos denominam gênios e heróis, e Moisés, e pela função que cumprem, se lhes é aplicado o título de anjos, porque são “mensageiros” do rei supremo com seus súditos e também intervêm como emissários das necessidades destes ante Ele”. Vale ressaltar que Filon também aceitava a existência de anjos bons e maus⁸.

Mas, ainda fica a questão de se, em Filon, o conceito de matéria corresponde exatamente ao conceito de corporeidade, o que não ocorrerá com seus correligionários medievais também de orientação platônica. Aparentemente sim, a matéria é aquela formada pelos quatro elementos uma vez que para Filon há a criação de um cosmo inteligível e depois a do cosmo sensível e, paralelamente, sua doutrina faz de tudo para afastar Deus da matéria. Quanto à origem da matéria, é impossível obtermos uma resposta inquestionável na obra de Filon, e esta discussão prosseguirá por todo o judaísmo medieval.

⁸ Quanto à crença nos anjos maus, a exegese judaica majoritária é um pouco diferente da Católica. Enquanto o catolicismo entende que o Demônio é um ser que aparece já nos primeiros capítulos da Revelação, uma vez que é identificado com a serpente que oferece a Eva o fruto proibido, a teologia judaica, em sua maioria (leia-se, rabínica), que, até os dias de hoje é essencialmente racionalista, não considerando que os espíritos do mal existam de fato no relato Bíblico. Entende-se que este conceito foi trazido do Zoroastrismo e que a interpretação correta seria a de que os males do mundo ocorrem quando Yahveh envia seus mensageiros para desempenhar tarefas. Estes são meros executores das ordens de Deus que infligem castigos e penas aos homens. Essa parece ser a interpretação adotada no caso da passagem do Livro de Jó (16:21) em que o próprio Satã se mistura entre os filhos de Deus. Do mesmo modo, a interpretação Maimonideana do livro de Jó, pende para esta visão, uma vez que ele afirma que Satã só faz o que lhe é permitido por Deus: “Já te indiquei que em nossa língua, o termo *nefesh* é um termo polivalente e se aplica àquilo que de cada pessoa lhe resta após a morte. É isso que é subtraído do domínio de Satã” (MAIMONIDES, 2018, III, 22, p. 428). Do mesmo modo, o chamado “anjo da morte” só está desempenhando uma missão conferida a ele por Deus.

Maimônides: os anjos como inteligências separadas no *Guia dos perplexos*

CAVALEIRO DE MACEDO, Cecilia

Com o renascimento da filosofia judaica no Medievo, temos novamente a influência neoplatônica como dominante e, mais uma vez, a existência de matéria nos seres angelicais será apontada, por Issac Israeli e, principalmente, pelo expoente do pensamento neoplatônico Schlomo Ibn Gabirol. Para ele toda a realidade criada é composta de matéria e forma. Escapa a esta composição somente Deus e Sua Vontade, que aparece como intermediário criador, conforme nos explica no diálogo abaixo:

M - Porque no ser nada mais há que essas três: a matéria e a forma, a Essência Primeira e a Vontade que é a intermediária entre os extremos.

D. – E qual é a causa de que nada haja no ser além destas três?

M. – A causa disso é que para todo o criado⁹ deve haver uma causa e algum intermediário entre eles. Ora, a causa é a Essência primeira; o que é criado é a matéria e a forma, e o intermediário entre eles é a Vontade. (IBN GABIROL, F.V., I, 7)

Se toda a Criação é composta de matéria e forma, inclusive os espirituais, portanto, os anjos dispõem de matéria. Para Gabirol há uma sequência de matérias que diferem quanto ao grau de corporeidade e espiritualidade:

D. - A investigação já revelou que a matéria espiritual sustenta a matéria corpórea, e a matéria corpórea sustenta a matéria celeste, e a matéria celeste sustenta a matéria natural universal e a matéria natural universal sustenta a matéria natural particular, e o mesmo deve ser dito da forma. (IBN GABIROL, F.V., II, 2)

Essa passagem, claríssima ao tratar da matéria espiritual, torna claro que, para este autor, matéria não é o mesmo que corpo. Em verdade, sua descrição da matéria é aquilo que sustenta, e de forma, aquilo que é sustentado. Assim, algo simples e sutil pode ser composto por uma matéria espiritual sem que isso implique em que disponha de qualquer grau de corporeidade.

A visão da matéria espiritual será abalada justamente a partir do século XII, com as obras dos pensadores de orientação mais aristotélica, que passam a explicar os anjos como criaturas absolutamente espirituais, entendidas como “inteligências separadas”, sem a concorrência de qualquer tipo de matéria. Dentre os autores que advogaram esta posição destacamos Moisés Maimônides, talvez mesmo o primeiro deles.

No *Guia dos Perplexos*, Maimônides apresenta seu modelo metafísico e cosmológico, atrelando as figuras angélicas ao modelo aristotélico e desvestindo-as de todo tipo de matéria, o que será retomado posteriormente, no pensamento cristão, por Tomás de Aquino. Curiosamente Maimônides jamais cita Ibn Gabirol, o que conduz à ideia de que provavelmente não tenha chegado a ler suas obras. Quanto aos Neoplatônicos, como Isaac Israeli, nem sequer os considera como filósofos, estendendo a desconsideração que aplica em sua obra ao próprio Platão. Tomás de Aquino, ao contrário, dedicará abundantes passagens de suas obras a refutar o propositos judeu da

⁹ *quod omni creato opus.*

Maimônides: os anjos como inteligências separadas no *Guia dos perplexos*

CAVALEIRO DE MACEDO, Cecilia

teoria hilemórfica, sobre o qual comenta” no qual parece ter-se enganado Avicébron no livro da Fonte da Vida, quando acreditou que tudo aquilo que está em potência ou é sujeito, de algum modo isso ocorre pela matéria primeira”¹⁰(TOMÁS DE AQUINO, 1995, p. 19)

Maimônides começa a tratar do tema dos anjos no capítulo 49 da parte I do Guia, logo em seguida de sua extensa explicação à questão da atribuição de características próprias das coisas materiais a Deus, como nomes, sentidos e ações. Assim, inicia com “Os anjos também são incorpóreos. São inteligências desprovidas de matéria, mas, no entanto, são seres criados e Deus os criou”. Refere-se ao tratamento conferido aos anjos pelos textos bíblicos, justificando as imagens utilizadas, ou seja, o fato de serem percebidos como coisas, homens ou mulheres, são próprios da percepção humana e não características pertencentes aos anjos em si mesmos:

Isso reforça que eles claramente estabeleceram que os anjos são incorpóreos e não possuem forma corpórea independente da mente [daquele que o percebe], eles existem inteiramente em visão profética e dependem da ação da potência imaginativa”. (MAIMONIDES, *Guia*, I, 49, p. 66).

Para Maimônides a chave para o entendimento desta questão está na compreensão da visão Profética. Embora estas criaturas sejam descritas nos Livros dos Profetas como movendo-se, sendo providos de forma humana, recebendo ordens de Deus, obedecendo Sua palavra e fazendo o que quer que Ele queira de acordo com Seu comando, isso teria como objetivo conduzir os homens a acreditar na existência destas criaturas como seres existentes “vivos e perfeitos”.

Maimônides, desde sua primeira alusão aos anjos, chama a atenção para que o fato de serem os anjos desprovidos de matéria ou forma corpórea, além de serem descritos como “vivos e perfeitos, no mesmo sentido em que explicamos em referência a Deus” não faz com que sejam exatamente como Deus Esta questão será recolhida também por Tomás de Aquino e longamente explicitada por este que nos diz que se a representação figurativa dos anjos fosse limitada a isso, na imaginação das pessoas comuns, a verdadeira essência deles seria semelhante à de Deus, uma vez que a Deus também são aplicadas as imagens características dos seres materiais. Conforme Maimônides, esta é a razão pela qual entre as imagens representativas dos anjos foram mescladas características próprias dos animais irracionais¹¹. Assim, o leitor deve compreender, por analogia, que Deus é superior aos anjos assim como o homem é superior aos animais irracionais.

Após esta breve explicação, o autor passará a discorrer sobre os atributos de Deus e, será somente na parte II do Guia que Maimônides retornará à questão dos anjos, e, nesta parte notamos uma profunda diferença para com a menção anterior. Ele irá apresentar sua explicação de acordo com as teorias filosóficas. Na parte II do Guia, ele abandona a linguagem religiosa e podemos notar que se desloca para as teorias filosóficas, revelando mais ainda sua faceta racional e sua cosmologia aristotélica. Utilizará a filosofia como modo de explicitar “as passagens bíblicas que foram contestadas e elucidar o seu sentido oculto e verdadeiro, que está acima da compreensão da massa¹²” (MAIMONIDES, *Guia*, II, 2, p. 155), seguindo sua tentativa de compatibilização entre as doutrinas aristotélicas e a revelação, contida nas Escrituras. Justifica o fato de usar a filosofia como

¹⁰ *Et in hoc videtur fuisse deceptus Avicébron in libro fontis vitae, dum credidit quod omne illud quod est in potentia vel subiectum, quodammodo hoc habeat ex prima materia.*

¹¹ Como na visão de Ezequiel. (Ez. 1)

¹² Objeto este que ele já havia exposto na Introdução do Guia.

instrumento de explicação racional das obscuridades contidas no texto bíblico a partir de afirmações como: “Eu só desejo mencionar que estas [as questões filosóficas acerca das esferas celestes] podem, quando bem entendidas, servir como meio de remover algumas das dúvidas no que se refere a algo ensinado nas Escrituras” (MAIMONIDES, *Guia*, II, 2, p. 155).

Conforme Maimônides, há muito mais semelhanças do que diferenças entre a Filosofia e a Religião e em muitas partes de sua obra, ele se dedica a apontar equivalências entre os conceitos filosóficos e as imagens bíblicas, defendendo que a diferença é meramente aparente e devida unicamente às especificidades das linguagens utilizadas. Desse modo, conforme o pensador judeu, quanto a esta questão “Esta diferença está somente nos nomes empregados – ele [Aristóteles] usa o termo ‘Inteligências’ e nós, em lugar disso, dizemos ‘anjos’” (MAIMONIDES, *Guia*, II, 4, p. 160).

3 ANJOS E ESFERAS: ALMA, INTELECTO E DESEJO

Maimônides inicia esta segunda parte do Guia apresentando as provas filosóficas para a existência, incorporeidade e unicidade¹³ da Causa Primeira, a partir da necessidade de uma causa externa para o movimento das esferas, extraídas da obra de Aristóteles e dos peripatéticos islâmicos. Descreve Deus como “ser absoluto, cuja existência não pode ser atribuída a qualquer causa ou admitir em si mesmo qualquer potencialidade” (MAIMONIDES, *Guia*, II, 2, 155). A seguir, passa a discorrer sobre as esferas celestes, entendidas como o *quinto elemento*, causa de todo movimento e “fonte de toda força que move e prepara qualquer substância na terra para a combinação com uma certa forma e é conectada com esta força por uma cadeia de movimentos intermediários” (MAIMONIDES, *Guia*, II, 1, p. 149).

O modelo cosmológico no qual Maimônides se apoia é o dos filósofos islâmicos que conta com dez esferas¹⁴: as sete esferas dos planetas, a oitava esfera das estrelas fixas, a nona esfera que tudo compreende e a décima esfera entendida como a do Intelecto Ativo – porque a fonte de toda inteligência deve ser uma inteligência pura, ou Intelecto ativo. A cada uma das esferas corresponde uma inteligência. Deus criou a Primeira Inteligência que move a primeira esfera. Conforme Aristóteles, assim é, sucessivamente, até a esfera mais próxima da Terra que é o Intelecto ativo, “o último na série dos seres puramente espirituais”. De modo semelhante ocorre com a série de seres materiais e corpóreos, que começa com a esfera superior e termina com os elementos dos quais os seres na Terra são compostos. Assim, Deus não criaria diretamente os seres materiais, havendo uma sequência de intermediários entre eles. Mas, o pensador judeu afirma que ainda aí há concordância entre o modelo aristotélico e as Escrituras. Segundo ele, a doutrina aristotélica conforme a qual as inteligências separadas são seres intermediários entre a Causa Primeira e as coisas existentes e produzem o movimento das esferas, do qual, por sua vez, todo o movimento das coisas terrenas depende, estaria também nas Escrituras. E a correspondência está no fato de

¹³ Os três atributos aplicáveis conjuntamente a Deus, amplamente utilizados durante o pensamento judaico medieval e apresentados pelos pensadores do *Kalam*, com os quais, apesar de discordar em diversos pontos de suas formulações, nesta questão, Maimônides concorda.

¹⁴ Aponta que Aristóteles e os antigos divergiam quanto ao número das esferas, em virtude de a matemática não ser tão desenvolvida na Antiguidade. Aponta outros modos de referência, como o de duas esferas (sublunar e supralunar) e quatro esferas (Sol, Lua, planetas e estrelas fixas). ver MAIMONIDES, *Guia*, II, 9, p. 163.

Maimônides: os anjos como inteligências separadas no *Guia dos perplexos*

CAVALEIRO DE MACEDO, Cecilia

que toda ação de Deus é descrita como tendo sido realizada por anjos, ou seja, por mensageiros (*Malachim*). Desse modo “todo aquele que é imbuído de uma certa missão é um anjo”.

A criação como um todo, para Maimônides consiste em três partes: 1) as inteligências puras, ou anjos; 2) os corpos das esferas, dotados de forma permanente e não sujeitos à mudança; 3) a matéria prima ou os seres terrenos transitórios, abaixo das esferas, sujeitos à constante mudança (Cf. MAIMONIDES, *Guia*, II, 10, p. 166 e 11, p. 167). A relação entre eles pode ser exposta da seguinte maneira: “A composição do Universo pode ser então aceita como a seguinte: há quatro esferas, quatro elementos colocados em movimento por elas e também quatro propriedades principais das quais os seres da terra derivam” (MAIMONIDES, *Guia*, II, 10, p. 165)

Ora, não podemos esquecer que o que permite a compatibilização entre a concepção aristotélica de inteligências separadas e as figuras angélicas presentes nas Escrituras não pertence propriamente ao universo de Aristóteles em si. Acréscimo quase total entre os filósofos medievais que se consideravam aristotélicos, a doutrina da emanção, proveniente da *Teologia*, das demais obras pseudoepigráficas de orientação neoplatônica atribuídas ao Estagirita, e comentários, proporciona a compatibilização entre as teorias platônica e aristotélica, gerando assim a teoria árabe das Inteligências. Esta teoria das Inteligências, concebida em um caldeirão no qual essas filosofias diferentes se misturam, consiste em um sinal característico da contaminação neoplatônica de grande parte do aristotelismo medieval. Este caldeirão atribuído erroneamente a Aristóteles acaba por favorecer a ideia de não contradição com as Escrituras.

A doutrina da emanção foi parte proeminente desse sistema e permitiu a seus partidários explicar como toda a existência deriva de uma única fonte. Uma vez que esta teoria é encaixada, parece muito que a passagem perdida na filosofia de Aristóteles foi preenchida: não somente pode explicar o desejo por Deus mas a processão do mundo a partir de Deus. Nesse sentido, o primeiro movente se torna uma espécie de criador – não que ele seja responsável por uma criação temporal mas ele é responsável pelo fato de que haja um mundo. (SEESKIN, 2007, p. 12-13)

Para Maimônides, as “doutrinas dos filósofos” deixam claro que as esferas são dotadas de alma e de intelecto, ainda que esta alma não seja, segundo o autor, como a do homem, do asno e do touro. “A afirmação de que a esfera celeste é dotada de alma parecerá razoável a todos aqueles que reflitam suficientemente sobre isto” (MAIMONIDES, *Guia*, II, 4, p. 156), dado que, para ele, o movimento das esferas indica a existência de um princípio por meio da qual elas se movem; o movimento circular e contínuo não pode ser uma propriedade natural, como no caso dos seres inanimados que seguem até seu lugar e ali param. Assim, a locomoção implica necessariamente em uma alma.

Seguindo este raciocínio, tampouco se trata de uma locomoção como a do animal irracional, movido pelo instinto, que se aproxima do que é agradável e foge do que lhe desagradada. Assim, afirma que deve se mover pela razão, ou que “o movimento circular da esfera é, conseqüentemente, devido à ação de alguma ideia que produz este tipo particular de movimento; mas como as ideias só são possíveis em seres dotados de intelecto, a esfera celeste é um ser dotado de intelecto” (157). Do mesmo modo, acredita que as Escrituras sustentam o mesmo, ou seja, que as esferas são animadas e dotadas de intelecto e capazes de compreender e louvar a Deus, e cita como provas disso: “Os céus declaram a Glória do Senhor” (Sl 19:2, apud *Guia*, II, 5, p. 159); ou “Em um único

Maimônides: os anjos como inteligências separadas no *Guia dos perplexos*

CAVALEIRO DE MACEDO, Cecília

clamor os astros da manhã e os aplausos de todos os filhos de Deus” (Jó, 38:7/ MAIMONIDES, *Guia*, II, 2, 159).

Dentro da estrutura apontada, ou seja, da criação composta de três partes – Inteligências Separadas, esferas e matéria sublunar ou constituída pelos elementos – Maimônides atribui a Aristóteles a concepção de que tudo vem à existência através de uma estrutura de emanações. “da mesma maneira, o ato criativo do Altíssimo ao conferir existência às Inteligências puras imbuíu a primeira delas do poder de conferir existência a outra, e assim por diante, até o Intelecto ativo, o último dos seres puramente espirituais.

O modelo adotado por Maimônides parece seguir o dos filósofos islâmicos, em especial o de Avicena que, além de adotar este modelo de emanações, equiparara já os anjos às Inteligências. Conforme Ayala:

Avicena tende a reduzir a doutrina teológica do Islam a um sistema racional-emanantista e determinista. Dessa forma, a mediação do anjo na revelação é transformada na potência que emana das esferas angélicas-celestes. A maioria dos filósofos muçulmanos e judeus aceitarão esta explicação, mas não os teólogos, incluindo os cristãos. (AYALA, p, 135)

Assim como alguns seus precursores muçulmanos, afirma que somente a alma, enquanto princípio de movimento, e o intelecto, enquanto fonte de ideias, não são capazes por si de gerar este movimento circular e contínuo. Para que isso ocorra há necessidade de um *desejo* pelo objeto do qual a ideia foi formada.

Disso se segue que a esfera celeste deve ter um desejo pelo ideal que ela compreendeu e que este ideal pelo qual ela tem desejo é Deus, exaltado seja Seu nome! Quando dizemos que Deus move as esferas, queremos dizer isso no seguinte sentido: as esferas têm um *desejo* de se tornarem semelhantes ao ideal compreendido por elas. No entanto, este ideal é simples no mais estrito sentido da palavra e não é sujeito a qualquer mudança ou alteração, mas é constante em produzir tudo que é bom, enquanto a esfera é corpórea; a última não pode, portanto, ser como seu ideal em qualquer outro aspecto senão na produção do movimento circular; pois esta é a única ação dos seres corpóreos que pode ser perpétua; é o movimento mais simples de um corpo; não há qualquer mudança na essência da esfera, nem nas consequências benéficas de seu movimento. (MAIMONIDES, *Guia*, II, 4, p. 157)

A partir disso, explica que acredita ser conveniente “estender-se com a teoria dos filósofos e fornecer suas provas para a existência das Inteligências”, para “mostrar então que a teoria deles a respeito disso está em harmonia com o ensinamento da Escritura a respeito da existência dos anjos” (MAIMONIDES, *Guia*, II, 2 p. 155).

Mas Maimônides vai além de defender a equivalência entre as Inteligências e os anjos. Não bastou a ele associar simplesmente os anjos às inteligências separadas propostas por Aristóteles. A

Maimônides: os anjos como inteligências separadas no *Guia dos perplexos*

CAVALEIRO DE MACEDO, Cecilia

fim de dar conta das demais passagens bíblicas que não se enquadrariam nesta equivalência, enquanto seres intermediários, os anjos podem ser as Inteligências ou as próprias esferas; indo mais além, defende que o termo pode estar se referindo mesmo aos quatro elementos o que é exemplificado, segundo Maimônides, pela passagem do Salmo 104:4 “Que faz Seus anjos (*malacháv*) os ventos, seus ministros o fogo flamejante”.

Em resumo, os anjos são ou atuam por meio de, virtualmente, qualquer *força* que se interponha entre Deus e o homem, com o fim de fazer cumprir os propósitos divinos.

Nossos sábios já estabeleceram – para aqueles que possuem entendimento – que todas as forças que residem em um corpo são anjos, quanto mais as forças que são ativas no Universo”. Esclarece que o termo anjo é usado ainda para as seguintes situações: para designar os mensageiros enviados aos homens, os Profetas, os ideais percebidos pelos profetas nas visões proféticas e para as potências anímicas no homem. Assim, para Maimônides, “mesmo as ações da criação mais rude são por vezes, devidas à obra de um anjo, quando estas ações servem ao propósito do Criador, que o imbuíu do poder de realizar aquela ação¹⁵ (MAIMONIDES, *Guia*, II, 6, p. 160).

Há que entender que, para o pensamento de Maimônides, o anjo é caracterizado muito mais pela ação ou missão conferida por Deus do que propriamente por consistir em um ser um ser separado.

Maimônides explica que o termo *anjo* é um termo homônimo¹⁶, por isso é usado para as Inteligências, as esferas e os elementos quando estão realizando uma ação comandada por deus (MAIMONIDES, *Guia*, II, 7, 162), as forças da Natureza, ou ainda, para mensageiros humanos, profetas, ideais e faculdades da alma (MAIMONIDES, *Guia*, II, 6, 160). Mas, em virtude da estrutura hierárquica da Criação, as Inteligências e as esferas não são como as outras forças que agem nos corpos e são denominadas por homonímia.

As forças que residem nos corpos e agem conforme as leis da Natureza são inconscientes, enquanto as inteligências e esferas são conscientes e possuem capacidade de escolha. Maimônides entende que aqui há um exercício de livre-arbítrio, ainda que restrito a determinado âmbito e à ação confiada a ela (inteligência) ou ele (anjo). Para exemplificar essa ideia cita passagens bíblicas em que anjos dizem: “não poderei fazer nada” (Gen. 19:22) ou “Veja: atenderei teu pedido” (Gn. 19:21). Mas, o exercício deste livre arbítrio é consideravelmente diferente daquele do qual gozam os seres humanos, o qual ocorre num nível inferior de excelência e perfeição e as ações são precedidas pela não-ação, para “as inteligências e as esferas sempre fazem aquilo que é bom, elas nada contêm que não seja bom e perfeito (...) e têm sido continuamente ativas desde o início” (MAIMONIDES, *Guia*, II, 7, 163).

Para Tomás de Aquino, que leu cuidadosamente o Guia dos Perplexos cada anjo é uma criatura espiritual única diante de Deus, dotada de dons naturais que recebeu em sua criação, mas

¹⁵ Fornece como evidência disso a passagem de Daniel “Meu deus enviou o seu anjo que fechou a boca dos leões e não me atacaram” (Dn. 6:22), assim como os movimentos do asno de Balaam.

¹⁶ Para saber mais sobre as explicações de Maimônides sobre a linguagem ver VERZA, Tadeu Mazzola, *A doutrina dos atributos divinos no Guia dos Perplexos de Maimônides*. Porto Alegre: EdPUCRS, 1999.

Maimônides: os anjos como inteligências separadas no *Guia dos perplexos*

CAVALEIRO DE MACEDO, Cecília

ainda assim é um ser criado, portanto, limitado, apesar de ser imaterial, incorpóreo, imortal e incorruptível. Isso elimina qualquer tipo de composição com a matéria em sua natureza. (Cf. FAITANIN, 2010, p. 26)

Desse modo, concorda com a idéia geral de Maimônides, de que os anjos são desprovidos de matéria e podem ser equiparados às Inteligências Puras e Separadas. Assim se refere à teoria maimonideana na Suma:

Como isso parecia contrário aos testemunhos da Sagrada Escritura, Rabbi Moisés querendo conciliar Aristóteles e a Escritura, afirmou que, se por anjo se entendem as substâncias imateriais, eles se multiplicam pelo número dos movimentos ou dos corpos celestes, conforme Aristóteles.

Mas, por outro lado, Tomás de Aquino estranha esta concepção tão ampla, que Maimônides apresenta sobre o anjo que, além das Inteligências podem ser virtualmente qualquer força. Prossegue então seu comentário na Suma:

Mas afirmou que são chamados anjos na Sagrada Escritura também os homens que anunciam as coisas divinas, e também as forças das coisas naturais que manifestam a onipotência de Deus. Contudo, não é costume de as Escrituras chamarem de anjos as forças das coisas irracionais (TOMÁS DE AQUINO, S. T., I-I, q. 50, a. 3, p. 120).

CONCLUSÃO

Por estranho que possa parecer, vimos que o que permite a compatibilização entre as figuras angélicas presentes nas Escrituras e as aristotélicas inteligências separadas não pertence propriamente à doutrina de Aristóteles. Os modelos emanacionistas constantes da *Teologia* e das obras pseudoepigráficas de orientação neoplatônica atribuídas ao Estagirita é o que favorece a compatibilização medieval entre as teorias platônica e aristotélica, entre estas e as Escrituras e embasa o paralelo proposto por Maimônides. A chave para este entendimento será a intermediação, que, conforme certas leituras está presente nas Escrituras e é necessária à passagem do Uno/Causa Primeira, vistos aqui como equivalentes, à multiplicidade dos seres sensíveis. E talvez essa seja a razão da extensão do termo anjo às forças naturais que tanta estranheza causou em Tomás de Aquino:

A opinião de Aristóteles, de que as esferas são capazes de compreensão e concepção está de acordo com as palavras de nossos profetas e nossos teólogos

Maimônides: os anjos como inteligências separadas no *Guia dos perplexos*

CAVALEIRO DE MACEDO, Cecilia

ou sábios. Os filósofos, além disso, concordam que este mundo inferior é governado por influências emanadas a partir das esferas e que as últimas compreendem e têm conhecimento das coisas as quais elas influenciam. Esta teoria é encontrada também nas Escrituras [os astros e todo o exército do céu] “que YHVH teu Senhor dividiu entre as nações” (Deut. 4:19), que quer dizer as estrelas que Deus designou para serem os intermediários no governo de suas criaturas e não objetos de adoração dos homens (MAIMONIDES, *Guia*, II, 5, p. 159).

Como podemos ver, Maimônides claramente advoga que tudo que provém de Deus passa por estes níveis anteriores antes de atingir o mundo terreno e corpóreo sujeito à geração e corrupção, no qual atuam através da natureza. Assim, a criação mesma do mundo teria sido realizada por meio dos anjos: “todas as partes do universo, mesmo os membros [dos corpos] dos animais em sua forma atual foram produzidos através dos anjos, uma vez que as forças naturais e os anjos são idênticos” (MAIMONIDES, *Guia*, II, 6, p. 161).

Por outro lado, para dar conta de diversas passagens das Escrituras em que a equivalência entre anjos e Inteligências não seria adequada, estende sua concepção às esferas, às forças naturais e às criaturas que, ainda que não intencionalmente estaria cumprindo uma missão de Deus e, portanto, por homonímia, poderiam ser chamadas de anjos.

REFERÊNCIAS*Textos religiosos:*

APOCALYPSE OF EZRA. Translated from the Syriac Text, with brief annotations by BOX, G.H. London: Society for Promoting Christian Knowledge, 1917. Disponível em: <https://archive.org/details/apocalypseofezra00boxg>

BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2002.

THE BOOK OF ENOCH. Transl. by R.H. Charles, London: Society for Promoting Christian Knowledge, 1917. Disponível em: <https://sacred-texts.com/bib/boe/boe004.htm>

THE BOOK OF TOBIAS. Disponível em: <https://sacred-texts.com/bib/apo/tob001.htm>

THE TESTAMENT OF THE TWELVE PATRIARCHS. In *The Forgotten Books of Eden*. tr. Rutherford H. Platt Jr., 1926. Disponível em: https://sacred-texts.com/bib/fbe/index.htm#section_008

Referências secundárias:

- AVENCEBROLIS (IBN GABIROL) *Fons vitae/ex Arabico in Latinum translatum ab Iohanne Hispano et Dominico Gundissalino*; ex codicis Parisinis, Amploniano, Columbino primum edidit Clemens Baeumker. Münster: Aschendorff, 1895.
- AYALA, J. M. “La relación fe-razón en la filosofía judeo-musulmana de Al-Andalus”. In: STEIN, **A cidade de Deus e a cidade dos homens: de Agostinho a Vico**. Porto Alegre: EdiPUCRS, 2004, p. 527- 540.
- BLAU, Ludwig; KOHLER, Kaufmann. “Angelology”. In: **Jewish Encyclopedia**, 1906, p. 583-597. Disponível em: <https://www.jewishencyclopedia.com/articles/1521-angelology>
- FAITANIN, Paulo. “A ordem dos anjos, segundo Tomás de Aquino”. In: **Ágora Filosófica**, v. 1, n. 1 (2010), p. 26-42.
- FILON DE ALEXANDRIA. **De opificio mundi**. In Les Œuvres de Philon d’Alexandrie, v. 1. Trad. para o francês e introdução Roger Arnaldez. Edição bilingüe. Paris: Editions du Cerf, 1961.
- FILON DE ALEXANDRIA. **De plantatione**. In Les Œuvres de Philon d’Alexandrie, v. 10. Trad. para o francês e introdução por Jean Pouilloux. Edição bilingüe. Paris: Editions du Cerf, 1963.
- GONZALO RUBIO, Maria. C. **La angelología en la literatura rabínica y sefardí**. Barcelona: Riopiedras, 1977.
- MAIMONIDES, Moses. **Dalalat al-Hairin/ The Guide for the Perplexed**. Tradução do original árabe por M. Friedlander. NY: Dover Publications, 1956.
- MAIMONIDES, Moisés. **O Guia dos Perplexos**, partes 1 e 2. Trad. Uri Lam. São Paulo: Landy, 2003.
- MAIMONIDES, Moisés. **Guía de Perplejos**. Ed. e trad. David Gonzalo Maeso. Madrid: Editorial Trotta, 2008.
- MAIMONIDES, Moisés. **Guia dos Perplexos: obra completa**. Tradução de Yosef Flavio Horwitz. Revisão técnica: Iossi Katri. São Paulo: Sêfer, 2018.
- SCHOLEM, Gershom. **As grandes correntes da mística judaica**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1995.
- SEESKIN, Kenneth. **Maimonides on the origin of the world**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.
- TOMÁS DE AQUINO. **Suma de Teologia**. São Paulo: Edições Loyola, 2002. v. 2.
- TOMÁS DE AQUINO. **Cuestión Disputada sobre Las Criaturas Espirituales**. Trad. Ana Mallea. Buenos Aires: Ediciones Del Rey, 1995.
- VERZA, Tadeu Mazzola, **A doutrina dos atributos divinos no Guia dos Perplexos de Maimônides**. Porto Alegre: EdiPUCRS, 1999.